

De profundis

AMOSTRA



Oscar Wilde
De profundis

Tradução
Cássio de Arantes Leite

TORDSILHAS

Sumário

De profundis 7

Posfácio 189

Sobre o tradutor e a posfaciadora 201

EPISTOLA: IN CARCERE ET VINCULIS¹

Prisão de Sua Majestade, Reading

Caro Bosie² — Após longa e infrutífera espera, tomei a resolução de lhe escrever, tanto em seu benefício como meu, pois não gostaria de pensar que passei dois longos anos de encarceramento sem receber uma única linha sua, tampouco notícia ou mensagem alguma, exceto tais que me causassem aflição.

Nossa desgraçada e assaz lamentável amizade terminou em ruína e infâmia pública para mim, e contudo a memória de nossa antiga afeição me acompanha quase sempre, e o pensamento de que o ódio, a amargura e o desprezo devem assumir permanentemente

¹ “Carta: na prisão e com grilhões”, título anotado por Wilde no manuscrito entregue a Robert “Robbie” Ross, seu testamenteiro literário, que o substituiria, ao publicá-lo em 1905, por “De profundis”, em referência ao Salmo 130. (N. do T.)

² Apelido de Lord Alfred Douglas, poeta e tradutor britânico. (N. da E.)

em meu coração o lugar que outrora foi ocupado pelo amor me é muito triste: e você mesmo, creio, sentirá em seu íntimo que escrever para mim enquanto experimento o isolamento da vida na prisão é melhor do que publicar minhas cartas sem minha permissão ou me dedicar poemas que não pedi, ainda que o mundo nada venha a saber sobre seja lá que palavras de pesar ou paixão, remorso ou indiferença você possa decidir enviar-me como resposta ou súplica.

10 Não tenho dúvida de que nesta carta em que devo escrever sobre sua vida e a minha, sobre o passado e o futuro, sobre coisas doces transformadas em amargores e sobre coisas amargas que podem ser tornadas em alegria, muito haverá para ferir sua vaidade até a alma. Se assim for, leia a carta de novo e depois a releia outra vez, até que ela ponha fim a sua vaidade. Se encontrar nela algo que lhe dê a sensação de ter sido injustamente acusado, lembre-se de que a pessoa deve ser grata por haver alguma falta pela qual possa ser injustamente acusada. Se houver uma única passagem que traga lágrimas aos seus olhos, chore como choramos na prisão, onde o dia, não menos do que a noite, é reservado para as lágrimas. É a única coisa que pode salvá-lo. Se for se queixar a sua mãe, como fez com referência ao desprezo que mostrei por você em minha carta a Robbie, de modo que ela possa lisonjeá-lo e confortá-lo, restituindo-lhe sua autocomplacência ou presunção, estará completamente perdido. Se você encontrar uma falsa desculpa para si, logo encontrará uma centena, e voltará exatamente ao que era antes. Continua a afirmar, como fez a Robbie em sua resposta, que eu lhe “atribuo motivos indignos”? Ah! você não tinha motivos na vida. Tinha apetites,

meramente. Um motivo é um objetivo intelectual. Que você era “muito jovem” quando nossa amizade começou? Seu defeito não era que soubesse tão pouco sobre a vida, mas que soubesse tanto. A aurora da meninice, com sua flor delicada, sua luz pura e cristalina, sua alegria de inocência e expectativa, você já a deixara havia muito para trás. Com pés agílimos e ligeiros passara do Romance ao Realismo. A sarjeta e as criaturas que nela vivem já haviam começado a fasciná-lo. Essa foi a origem do problema para o qual buscou minha ajuda, e eu, de forma insensata, indo contra a sabedoria deste mundo, por piedade e bondade, cedi. Deve ler esta carta até o fim, embora cada palavra possa se tornar para você como o fogo ou como a lâmina do cirurgião, que fazem a carne delicada queimar ou sangrar. Lembre-se de que o tolo aos olhos dos deuses e o tolo aos olhos do homem são muito diferentes. Alguém que ignore inteiramente os modos da Arte em sua revelação ou a disposição do pensamento em seu progresso, a pompa do verso latino ou a música mais rica do grego e suas tantas vogais, a escultura toscana ou a canção elisabetana, mesmo este pode estar cheio da mais doce sabedoria. O verdadeiro tolo, vítima de mofa ou estorvo dos deuses, é aquele que não conhece a si mesmo. Fui um deles por muito tempo. Você tem sido um por muito tempo. Dê um basta a isso. Não tenha medo. O vício supremo é a superficialidade. Tudo quanto é percebido está correto. Lembre-se também de que, por maior que seja seu sofrimento ao ler, sofrimento ainda maior é para mim escrever. Os Poderes Invisíveis têm sido muito bondosos com você. Permitiram-lhe ver as formas estranhas e trágicas da

vida como quem vê sombras num cristal. A cabeça da Medusa que transforma homens vivos em pedra, a você foi concedido olhar para ela apenas por um espelho. Você tem caminhado livre entre as flores. De mim o belo mundo de cor e movimento foi usurpado.

Começarei por lhe dizer que me culpo terrivelmente. Sentado aqui nesta cela escura em roupas de condenado, um homem caído em desgraça, arruinado, eu me culpo. Nas noites perturbadas e intermitentes de angústia, nos dias longos e monótonos de dor, é a mim mesmo que culpo. Eu me culpo por permitir que uma amizade anti-intelectual, cujo objetivo primordial não consistia na criação e contemplação de coisas belas, dominasse inteiramente minha vida. Desde o primeiro instante houve um abismo grande demais entre nós. Você fora indolente em seu colégio, pior do que indolente em sua universidade. Não se deu conta de que um artista, e sobretudo um artista como eu, ou seja, cuja qualidade do trabalho depende da intensificação da personalidade, exige para o desenvolvimento de sua arte a companhia de ideias, e ambiente intelectual, tranquilidade, paz e solidão. Você admirava meu trabalho quando estava finalizado: apreciava os êxitos brilhantes de minhas primeiras noites, e os banquetes brilhantes que se seguiam: você sentia orgulho, e muito naturalmente, de ser amigo íntimo de um artista tão distinto: mas era incapaz de compreender as condições exigidas para a produção do trabalho artístico. Não estou falando em torneios de exagero retórico, mas em termos de conformidade absoluta aos fatos em si, quando lembro a você que durante todo

o tempo que estivemos juntos nunca escrevi sequer uma linha. Fosse em Torquay, Goring, Londres, Florença ou outra parte, minha vida, enquanto você esteve a meu lado, foi inteiramente estéril e não criativa. E, a não ser por breves intervalos, você estava, lamento dizê-lo, sempre ao meu lado.

Lembro, por exemplo, em setembro de 1893, para escolher apenas um exemplo dentre tantos, de alugar um conjunto de aposentos puramente de modo a trabalhar sem ser incomodado, uma vez que eu faltara a meu contrato com John Hare, para quem prometera escrever uma peça e que me pressionava no assunto. Durante a primeira semana você se manteve afastado. Divergíramos, e isso não causa espécie de modo algum, quanto à questão do valor artístico de sua tradução de *Salomé*. Então você se comprouve em me enviar cartas tolas acerca do assunto. Naquela semana escrevi e completei até o último detalhe, como acabou por ser montado, o primeiro ato de *Um marido ideal*. Na segunda semana você regressou e praticamente tive de abrir mão de meu trabalho. Eu chegava a St. James todas as manhãs às onze e meia, de modo a ter oportunidade de pensar e escrever sem a interrupção inerente a minha própria casa, por mais tranquila e pacífica que essa casa estivesse. Mas a tentativa era em vão. Ao meio-dia você chegava em seu carro e ficava por lá, fumando seus cigarros e tagarelando até uma e meia, quando eu tinha de levá-lo para almoçar no Café Royal ou no Berkeley. O almoço e suas bebidas se estendiam em geral até as três e meia. Por uma hora você se recolhia no White's. Na hora do chá, tornava a aparecer e permanecia até chegar o momento de se vestir

para o jantar. Jantava comigo no Savoy ou em Tite Street.¹ Via de regra, não nos separávamos senão após a meia-noite, uma vez que a ceia no Willis tinha de encerrar o dia encantador. Essa foi minha vida durante esses três meses, todos os dias, a não ser durante os quatro em que você esteve no estrangeiro. Então, é claro, tive de ir a Calais para buscá-lo. Para alguém de minha natureza e meu temperamento, essa era uma posição ao mesmo tempo grotesca e trágica.

14

Você sem dúvida deve se dar conta disso agora. Deve enxergar agora que sua incapacidade de ficar sozinho; sua natureza tão exigente na reivindicação persistente da atenção e do tempo dos outros; sua falta de qualquer capacidade de concentração intelectual prolongada; o desafortunado acidente — pois gosto de pensar que nada era além disso — de que ainda não tinha sido capaz de adquirir o “temperamento de Oxford” nas questões intelectuais, de nunca, quero dizer, ter sido alguém capaz de lidar graciosamente com as ideias, mas que chegara meramente à violência da opinião — que todas essas coisas, combinadas ao fato de que seus desejos e interesses estavam na Vida, não na Arte, foram tão destrutivas para seu progresso na cultura quanto foram para meu trabalho enquanto artista. Quando comparo minha amizade com você a minha amizade com homens ainda mais jovens, como John Gray e Pierre Louÿs, sinto-me envergonhado. Minha vida real, minha vida mais elevada era com eles e outros como eles.

¹ Endereço da residência de Wilde. (N. da E.)

Dos resultados pavorosos de minha amizade com você, abstenho-me de falar, por ora. Estou pensando meramente na qualidade dela enquanto durou. Para mim, foi intelectualmen- te degradante. Você tinha os rudimentos de um temperamento artístico embrionário. Mas vim a conhecê-lo tarde demais ou cedo demais, não sei qual dos dois. Quando você estava longe, eu estava bem. A partir do momento, no início de dezembro do ano ao qual venho aludindo, em que conseguira induzir sua mãe a mandá-lo para fora da Inglaterra, pude recompor a teia rasgada e emaranhada de minha imaginação, tive mi- nha própria vida em minhas mãos, e não apenas terminei os três atos restantes de *Um marido ideal*, como também conce- bi e quase completei duas outras peças de um tipo completa- mente diferente, a *Tragédia florentina* e *La Sainte Courtisane*, quando subitamente, sem avisar, e sem ser bem-vindo, e em circunstâncias fatais para minha felicidade, você voltou. As duas obras, então ainda imperfeitas, fui incapaz de retomar. O estado de espírito que as criou, nunca fui capaz de recuperar. Você mesmo, tendo publicado um livro de poesia, será capaz de reconhecer a verdade de tudo que eu disse aqui. Sendo ou não capaz, o fato permanece como uma hedionda verdade no coração de nossa amizade. Enquanto estive comigo, você foi a ruína absoluta de minha Arte, e, por permitir que se interpu- ssesse constantemente entre mim e a Arte, encho-me de vergo- nha e culpa no mais alto grau. Você era incapaz de saber, você era incapaz de compreender, você era incapaz de apreciar. Eu não tinha o menor direito de esperar isso de sua parte. Seus

interesses estavam meramente em seus almoços e humores. Seus desejos restringiam-se aos divertimentos, aos prazeres comuns, ou não tão comuns. Eles consistiam naquilo de que seu temperamento necessitava, ou julgava necessitar, no momento. Eu deveria ter interditado sua entrada em minha casa e meus aposentos, a não ser quando especificamente convidado. Eu me culpo sem reservas por minha fraqueza. Nada era além de fraqueza. Meia hora com a Arte sempre foi para mim mais do que um século com você. De fato nada, em qualquer período de minha vida, jamais teve a mínima importância para mim, em comparação com a Arte. Mas, no caso de um artista, a fraqueza é, para dizer o mínimo, um crime, pois é a fraqueza que paralisa a imaginação.

16

Eu me culpo por ter lhe permitido levar-me à mais completa e ignominiosa ruína financeira. Lembro-me de certa manhã, no início de outubro de 1892, sentado sob o bosque amarelado de Bracknell com sua mãe. Na época eu sabia muito pouco de sua verdadeira natureza. Eu ficara de um sábado a segunda com você em Oxford. Você ficara comigo em Cromer por dez dias, e jogara golfe. A conversa recaiu sobre você, e sua mãe começou a me falar sobre seu caráter. Contou-me de suas duas principais falhas, sua vaidade e o fato de ser, nas palavras dela, “todo atrapalhado com dinheiro”. Recordo nitidamente como ri. Eu não fazia ideia de que a primeira me conduziria à prisão e a segunda, à falência. Eu achava que a vaidade era uma espécie de flor graciosa a ser usada por um jovem: quanto à extravagância — pois achei que ela não se referia a outra

coisa além de extravagância —, as virtudes da prudência e da parcimônia não faziam parte de minha própria natureza e estirpe. Mas, antes que nossa amizade completasse um mês, comecei a perceber o que sua mãe de fato quisera dizer. Sua insistência numa vida de dissipação impensada, seus pedidos incessantes de dinheiro, sua alegação de que todos os seus prazeres deveriam ser bancados por mim, eu estando ou não com você, levaram-me após algum tempo a graves dificuldades financeiras, e o que tornava a extravagância para mim em todo caso tão monotonamente desinteressante, à medida que suas mãos persistentes se agarravam com cada vez mais força a minha vida, era o dinheiro na verdade ser gasto em pouco mais do que nos prazeres da comida e da bebida e em coisas do gênero. De vez em quando, é uma alegria ver a mesa vermelha de vinho e rosas, mas você ultrapassava todo gosto e temperança. Exigia sem polidez e recebia sem agradecer. Começou a se achar o detentor de uma espécie de direito de viver às minhas custas e num luxo profuso ao qual nunca fora acostumado, e que por esse mesmo motivo tornava seus apetites ainda mais veementes; e, no fim, se perdia dinheiro apostando em algum cassino de Argel, simplesmente telegrafava na manhã seguinte para mim em Londres, de maneira que eu depositasse a soma de suas perdas em sua conta bancária, e não dedicava à questão mais um pensamento sequer, do tipo que fosse.

Quando lhe digo que entre o outono de 1892 e a data de meu encarceramento despendi com você e por você mais de 5 mil libras em dinheiro vivo, sem mencionar as contas que deixei

por pagar, deve fazer alguma ideia do tipo de vida em que insistia. Acha que exagero? Meus gastos normais com você durante qualquer dia normal em Londres — incluindo a refeição do dia, um jantar, ceia, entretenimentos, charretes e tudo mais — ia de 12 a 20 libras, e os gastos da semana eram naturalmente proporcionais, e iam de 80 a 130 libras. Para nossos três meses em Goring, meus gastos (aluguel incluso, é claro) foram de 1.340 libras. Um a um, junto ao Síndico de Falência, tive de repassar cada item em minha vida. Foi horrível. “Vida simples e pensamentos elevados” era, sem dúvida, um ideal que você não poderia ter apreciado na época, mas uma extravagância como aquela foi a desgraça de nós dois. Um dos jantares mais deliciosos de que me lembro é um que Robbie e eu tivemos em um pequeno café no Soho, que custou aproximadamente tantos xelins quanto meus jantares para você costumavam custar em libras. Desse jantar com Robbie surgiu o primeiro e o melhor de todos os meus diálogos. Ideia, título, tratamento, modo, tudo me saiu a 3 francos e 50 centavos, *table d’hôte*.¹ Dos inconsequentes jantares em sua companhia nada ficou senão a lembrança de que muito se comeu e muito se bebeu. E minha sujeição a suas exigências era ruim para você. Hoje você sabe disso. Tornava-o com frequência sôfrego: às vezes, em não pouca medida, inescrupuloso: desagradável, sempre. Constituiu na maior parte das ocasiões pouquíssima alegria ou privilégio ser seu anfitrião. Você esqueceu

¹ “Menu de preço”. (N. da E.)

— não vou dizer a cortesia formal da gratidão, pois cortesias formais prejudicam uma amizade estreita — mas simplesmente a graça do companheirismo amável, os encantos de uma conversa amena, esse *τερπυδὸν κακόν*,¹ como os gregos o chamavam, e todos esses gentis humanismos que tornam a vida agradável, e são um acompanhamento para a vida como a música pode ser, mantendo as coisas afinadas e enchendo de melodia os lugares austeros ou silentes. E ainda que possa lhe parecer estranho que uma pessoa na terrível posição em que me encontro veja alguma diferença entre uma desgraça e outra, mesmo assim francamente admito que a insensatez de esbanjar todo aquele dinheiro com você, e permitir que dilapidasse minha fortuna em detrimento de si próprio, assim como de mim mesmo, a mim ocasiona, e a meus olhos, uma nota de dissipação comum a minha falência e deixa-me duplamente envergonhado. Fui feito para outras coisas.

19

Porém, mais do que tudo, eu me culpo por toda a degradação ética em que lhe permiti me lançar. A base do caráter é a força de vontade, e minha força de vontade ficou absolutamente sujeitada a sua. Parece uma coisa grotesca de se dizer, mas nem por isso é menos verdadeira. Essas cenas constantes que lhe pareciam ser quase que fisicamente necessárias, nas quais sua mente e seu corpo ficavam cada vez mais distorcidos e você se tornava uma coisa tão terrível de olhar quanto de escutar: essa pavorosa mania que herdou de seu pai, a mania de escrever cartas revoltantes, odiosas:

¹ “Algo belo e encantador”. (N. da E.)

sua total falta do menor controle sobre as próprias emoções, como demonstrado em suas prolongadas e ressentidas disposições de silêncio amuado, tanto quanto em seus acessos súbitos de fúria quase epiléptica: todas essas coisas em referência às quais uma de minhas cartas, por você deixada para trás no Savoy ou em algum outro hotel, e desse modo apresentada em tribunal pelo advogado de seu pai, continha um apelo não destituído de compaixão, fosse você capaz na época de reconhecer a compaixão ou os elementos que a expressam — isso tudo, repito, foi a origem e a causa de minha sujeição fatal a você em suas exigências dia a dia maiores. Você esgotou minha paciência. Foi o triunfo da natureza menor sobre a maior. Um desses casos da tirania do fraco sobre o forte que em algum lugar numa de minhas peças descrevo como sendo “a única tirania que perdura”.

E foi inevitável. Em toda relação de vida com os outros a pessoa tem de encontrar um *moyen de vivre*.¹ No seu caso, era necessário ceder a você ou ceder *você*. Não havia alternativa. Em nome da profunda, ainda que imprópria, afeição que eu sentia: em nome de uma grande piedade por seu destempero e suas falhas de temperamento: em nome de minha proverbial boa índole e indolência céltica: em nome de uma aversão artística a cenas vulgares e palavras feias: em nome dessa incapacidade com que na época eu me caracterizava de suportar ressentimento do tipo que fosse: em nome de meu repúdio a ver a vida tornada em algo amargo e

¹ “Meio de vida”. (N. da E.)

desagradável pelo que para mim, com meus olhos definitivamente fixos em outras coisas, pareciam ser meras ninharias, insignificantes demais para merecer mais do que um pensamento ou interesse momentâneo — em nome dessas razões, por mais simples que possam parecer, sempre cedi a você. Como resultado natural, suas reivindicações, seus esforços de dominação, suas exigências foram ficando cada vez mais irracionais. Seu motivo mais mesquinho, seu apetite mais baixo, sua paixão mais ordinária tornaram-se para você leis pelas quais a vida de outros devia ser sempre guiada, e pelas quais, se necessário, ela deveria sem o menor escrúpulo ser sacrificada. Sabendo que por meio de uma cena você sempre podia fazer as coisas serem do seu jeito, nada mais natural que dessa forma procedesse, quase inconscientemente, não tenho dúvida, a todos os excessos de violência vulgar. No fim, você não sabia para que meta corria, ou com que objetivo em vista. Tendo tomado para si a maior parte de meu gênio, minha força de vontade e minha fortuna, você exigia, na cegueira de uma ganância inexaurível, toda minha existência. E você a tomou. No momento da mais suprema e trágica circunstância crítica de minha vida, pouco antes de meu lamentável passo rumo a minha atitude absurda, de um lado estava seu pai, atacando-me com odiosos cartões deixados em meu clube; de outro, você, atacando-me com cartas não menos detestáveis. A carta sua que recebi na manhã do dia em que lhe permiti levar-me à Central de Polícia para dar entrada naquela ridícula ordem de prisão contra seu pai foi uma das piores que já escrevi, e pelo motivo mais vergonhoso. Entre um e outro, perdi a cabeça. Meu juízo me abandonou. O terror tomou

seu lugar. Não vi escapatória possível, devo dizer com franqueza, de nenhum dos dois. Cegamente, cambaleei como um boi para o matadouro. Cometera um equívoco psicológico gigantesco. Eu sempre achara que ceder a você nas pequenas coisas nada significava: que, quando um grande momento chegasse, poderia reafirmar por conta própria minha força de vontade em sua natural superioridade. Não foi assim. No grande momento minha força de vontade me faltou completamente. Na vida não existe de fato algo grande ou pequeno. Todas as coisas são de igual valor e igual tamanho. Meu hábito — devido sobretudo à indiferença, no início — de ceder a você em tudo havia se tornado, imperceptivelmente, uma parte real de minha natureza. Sem que eu o notasse, ele havia estereotipado meu temperamento num estado de espírito permanente e fatal. Eis por que, no sutil epílogo da primeira edição de seus ensaios, Pater diz que “o fracasso é criar hábitos”. Quando disse isso, as enfadonhas pessoas de Oxford julgaram a frase uma mera inversão deliberada daquele razoavelmente fastidioso texto aristotélico sobre a *Ética*, mas há uma admirável, uma terrível verdade oculta aí. Eu lhe permitira sugar a força de meu caráter e, para mim, a formação de um hábito se provara não o mero fracasso, mas a Ruína. Eticamente você fora ainda mais destrutivo para mim do que artisticamente.

Uma vez concedida a ordem de prisão, o rumo de tudo foi determinado, é claro, por sua vontade. Em um momento em que eu deveria ter ficado em Londres recebendo aconselhamento ajuizado e refletindo calmamente sobre a armadilha hedionda em que me permitira ser capturado — um pega-trouxa, como

seu pai a chama até hoje —, você insistiu em que eu o levasse a Monte Carlo, dentre todos os lugares revoltantes neste mundo de Deus, para que durante o dia todo e a noite toda pudesse jogar, enquanto o cassino permanecesse aberto.

Quanto a mim — o bacará não exercendo para mim o menor encanto —, fui deixado a sós comigo mesmo. Você se recusava a discutir até por cinco minutos a posição em que você e seu pai haviam me deixado. Minha função era apenas pagar suas despesas de hotel e suas perdas. A mais ligeira alusão à provação que me aguardava era vista como um aborrecimento. Uma nova marca de champanhe que nos fora recomendada lhe despertava mais interesse... Por ocasião de nosso regresso a Londres, aqueles dentre meus amigos que realmente desejavam meu bem-estar imploraram que eu fosse para o estrangeiro e fugisse de um julgamento insuportável. Você lhes imputou motivos mesquinhos por me aconselhar nesse sentido e covardia de minha parte em lhes dar ouvidos. Forçou-me a ficar onde estava para enfrentá-lo, se possível, no banco das testemunhas, por absurdos e tolos perjúrios. No fim, é claro, fui preso e seu pai se tornou o herói do momento: mais até do que apenas o herói do momento: sua família agora, bastante estranhamente, figura entre os Imortais: com o resultado grotesco que é, por assim dizer, um elemento gótico da história, e faz de Clio a menos séria dentre todas as Musas, seu pai viverá para sempre entre os pais bondosos e de mente pura dos panfletos ministrados nas escolas dominicais; seu lugar é com o menino Samuel; e no lodo mais baixo de Malebolge fico eu, entre Gilles de Retz e o marquês de Sade.

Claro, eu deveria ter me livrado de você. Deveria tê-lo sacudido de minha vida como um homem sacode de suas vestes uma criatura que o picou. Na mais divina de todas as suas peças, Ésquilo conta sobre o grande senhor que traz para casa um filhote de leão, o λέοντος ἴνιν,¹ e o adora, pois ele atende de olhar brilhante a seu chamado e o adula para receber comida: παιδρωπὸς ποτὶ χεῖρα, σαίνων τε γαστρὸς ἀνάγκαις, e a criatura cresce e exhibe a natureza de sua espécie, ἦθος τὸ πρόσθε τοκήων, e destrói o senhor e sua casa e tudo que ele possui. Sinto como se eu fosse esse homem. Mas meu erro não foi não ter me separado de você, e sim ter me separado de você com excessiva frequência. Até onde posso perceber, punha fim a nossa amizade a cada três meses, regularmente. E, em todas as vezes que o fiz, você dava um jeito, por meio de súplicas, telegramas, cartas, da intervenção de seus amigos, da minha intervenção, e assim por diante, de me convencer a aceitá-lo de volta. Quando, no fim de março de 1893, você deixou minha casa em Torquay, eu estava determinado a nunca mais lhe dirigir a palavra, nem a permitir, sob circunstância alguma, que fosse admitido em minha presença, tão revoltante fora a cena que fizera na noite anterior a sua partida. Você escreveu e telegrafou de Bristol para implorar que eu o perdoasse e que nos encontrássemos. Seu tutor, que ficara para trás, afirmou achar que você às vezes era totalmente irresponsável nas coisas que dizia e fazia, e

¹ As expressões em grego estão parafraseadas no texto que as precede, aqui e ao longo do texto. (N. da E.)